

MEMÓRIAS DE UMA PANDEMIA

Autora: Michele Lorenz Barbosa, Técnica de Enfermagem da UPA Guajuviras. E-mail: michelelorenzbarbosa@gmail.com.

Quando começou a se falar nesse vírus invisível nunca imaginamos que ia se expandir para tantas pessoas e tão rápido, em um piscar de olhos. Precisamos nos adequar, diariamente, dentro deste triste e difícil cenário.

Início da pandemia, em março de 2020 iniciei trabalhando no Hospital Universitário. O crescimento acelerado de casos fazia com que mais leitos fossem abertos no hospital. O mesmo, que começou com apenas vinte leitos chegou a ter cento e vinte. Logo depois, comecei a trabalhar na UPA Guajuviras.

O primeiro ano de pandemia foi marcado por um perfil de pacientes contaminados, que foram idosos com comorbidades prévias. Após o início do ano de 2021, por volta de fim de fevereiro começamos a sentir as consequências das festas e aglomerações de final de ano. Veio a segunda onda, dessa vez devastadora, e o perfil dos pacientes contaminados eram mais jovens e sem comorbidades. Foram dias e noites difíceis. Pacientes chegavam à unidade já em estado grave, precisando de oxigênio e suporte hospitalar. Tínhamos todos os leitos ocupados e as salas da unidade eram transformadas em internação para pacientes. Não tínhamos macas suficientes para todos os pacientes e muitos ficavam sentados em cadeiras. Sofríamos diariamente, a dor de precisar “escolher” qual paciente teria o conforto de, ao menos, poder deitar-se em uma maca até a dor de ver as discussões médicas em torno de qual paciente seria prioridade para intubação.

Lembro que em um plantão liguei para meus pais e pedi que eles não saíssem de casa e se cuidassem ao máximo, pois não tínhamos mais leitos disponíveis em toda cidade. Sentimos medo, muitos precisavam de acompanhamento psicológico. Porém, sabíamos que precisávamos dar o nosso melhor já que o único contato que os pacientes internados teriam era conosco. O tom de voz, em meio ao caos, precisava ser alegre e aprendemos, também, a sorrir com os olhos. A equipe técnica estava reduzida. Muitas vezes, novos funcionários não completavam um plantão sem desistir. Isso era desesperador. Uma lembrança marcante é antes da intubação, quando explicamos que eles vão ficar inconscientes e que os familiares irão receber notícias pelos médicos. Muitos pacientes entendem como uma despedida e embora sejamos treinados para isso, é difícil demais não conseguir salvar uma vida.

Estávamos cansados, por vezes choramos muito, mas nunca desistimos. Lutamos sempre juntos, tivemos uma equipe maravilhosa. Tínhamos desafios todos os dias, mas também conquistas. Recebemos diversas vezes pacientes e familiares agradecendo o carinho e o cuidado naquele difícil momento. Escutar de um paciente que o nosso amor o curou, não tem preço.

